

UMA LEITURA PSICOPEDAGÓGICA DA MÚSICA:

ANOTHER BRICK IN THE WALL PART II

RICARDO MOMM
Graduado em História pela UDESC
Pós-Graduado em Psicopedagogia
Professor efetivo estatutário do Instituto Estadual de Educação de Florianópolis

Neste artigo, procuraremos analisar uma obra-prima da arte audiovisual contemporânea, Pink Floyd – The Wall, de Alan Parkes, mais especificamente o trecho com o vídeo-clipe da música Another Brick in The Wall – Part II. Destacaremos os pontos que achamos relevantes para uma abordagem relacionada com os conhecimentos sob o domínio da psicopedagogia, e a respeito da escola tradicional das décadas de 40 a 70 relacionados com a escola atual. Ressaltaremos a importância desta obra de arte como uma fonte para reflexões acerca do saber acadêmico e também como um recurso didático nas áreas das ciências humanas para o entendimento da sociedade ocidental do Pós Segunda Guerra.

Palavras-chave:

Pink - Roger Waters; Tijolos – Muro; Psicologia – Pedagogia; Escola Tradicional.

É interessante e ao mesmo tempo vertiginoso, percebermos como uma produção artística, principalmente a cinematográfica como neste caso, tem o poder de sintetizar e transmitir, numa linguagem simbólica e atraente, uma ou um conjunto de ideias, podendo perpassar inclusive o próprio saber acadêmico. É muito comum dentro da academia, principalmente na área das ciências humanas, após ou durante a análise de um determinado tema, baseado numa análise introspectiva de algum tema, ser indicado como referência, para melhor entendimento ou interpretação, alguma produção cinematográfica. “Tempos modernos” e sua relação com a temática da alienação do homem na sociedade industrial; “O nome da rosa”, para análise epistemológica na transição da Idade Média para a Moderna, etc.; são exemplos típicos desta relação.

Iniciamos este texto citando a importância da arte, sobretudo a do cinema, para o desenvolvimento do saber escolar ou acadêmico, pois o objeto de nossa análise será uma música

constante num filme que, a nosso ver, merece uma atenção especial por parte das áreas das ciências humanas, perpassando aí a História, a Sociologia, a Geografia, as Artes, bem como, à respeito da Psicopedagogia, no que se refere à abordagem das angústias do homem moderno e de características da sociedade ocidental do pós Segunda Guerra. Trata-se do filme “Pink Floyd – The wall”, especificamente a música “Another brick in the wall part II”, visto que esta também tem uma relação com a Pedagogia, como veremos adiante.

Deixando de lado os aspectos estéticos da obra, faremos uma análise do “olhar” dos autores, destacando e interpretando minuciosamente todos os elementos das cenas e letra da música, que possam manter relações com os domínios do saber psicopedagógico ou multidisciplinar.

O filme, dirigido por Alan Parker, é fruto do LP “The wall” da banda britânica Pink Floyd, o álbum duplo mais vendido na história da indústria fonográfica. Comumente relacionado com o Muro de Berlim e o contexto da Guerra Fria, realmente o filme trata-se de uma obra conceitual, mas baseada nos fatos reais (e “irreais” ou fictícios, no sentido subjetivo que a composição artística proporciona) da vida do baixista e líder da banda, Roger Waters, que compôs todas as letras, realizando uma espécie de autobiografia (ou quem sabe “autoanálise”, visto ser inegável o seu conhecimento à respeito da Psicanálise).

Na realidade o “muro” é resultado de uma construção com elementos simbólicos, relacionados com fatos traumáticos sofridos por ele mesmo, no filme sob o pseudônimo de *Pink Floyd*, desde seu nascimento até aquele momento de sua vida, na qual figura como um *popstar* preparando-se para um show nos Estados Unidos.

Estes traumas são simbolizados em tijolos que vão formando o “muro”, representam a perda do pai na Segunda guerra; a atitude superprotetora da mãe; a questão da sexualidade reprimida na adolescência com a frustração no casamento e a traição da esposa; as decepções acerca da sociedade moderna; e o “tijolo” que nos interessa abordar aqui, relacionado com a escola que frequentou, simbolizada na figura de um professor tirano¹.

Com base nos tópicos apresentados por Souza e Martins (p. 36), poderíamos dizer que ele teria passado por situações de extrema ansiedade que poderiam levá-lo à “perda de um objeto desejado (o pai); de identidade (escola); da autoestima (a mãe e a escola); de amor (a esposa)”. Sem nos alongar muito nesta análise dos efeitos psicológicos destes “traumas” na vida real do autor, basta citarmos que é bastante sabido do público o seu envolvimento com o uso de drogas,

¹ Simbolismo infeliz para a classe dos professores, carregando aí o estigma de “bode expiatório” das falhas de todo um sistema educacional que era ditatorial por si mesmo.

dos seus problemas de relacionamento com os integrantes da banda e com a imprensa, do seu egocentrismo e a uma certa tendência depressiva obsessiva, visto que a gota d'água para sua saída da banda em 1984 foi a insistência na composição e gravação do álbum posterior, “The Final Cut”, o qual teria a temática totalmente voltada para a morte de seu pai. Com estas constatações, não estamos querendo diagnosticar supostos problemas psicológicos do autor, mas apenas contextualizar a obra como um todo com a sua vida real.

Passemos então á análise da música “Another brick in the wall part II”, que, aliás, é a mais conhecida, não só do álbum, mas do próprio grupo.

Em primeiro lugar, esta música relata a história de Pink na sua fase da adolescência, estudante de uma escola inglesa dos fins da década de 50. Estaremos tratando do olhar dos autores², sobre uma escola tipicamente tradicional, não só pela época, mas pelo fato de a sociedade inglesa ser bastante caracterizada pelo seu conservadorismo nos costumes.

Na primeira tomada, Pink aparece num túnel tentando equilibrar uma bala de revólver nos trilhos, enquanto suas colegas, com medo, advertem-no da vinda do trem. Ao desviar-se percebe que o trem está carregado de crianças com máscaras, aparecendo em seguida o professor, na boca do túnel, mandando-o para a escola. Destacamos daí alguns elementos interessantes.

Atitude típica da fase da adolescência, ele aparece num momento de diversão, desafiando o perigo para se auto afirmar perante os amigos, numa demonstração de sua coragem. Porém, surge o trem que vem a simbolizar o momento de ir para a escola, quem sabe, delimitando o fim daquele momento agradável de diversão e de liberdade, em contraponto com o início do período escolar, no qual prevaleceria para ele um ambiente desagradável e de opressão. As crianças aparecem nos vagões como cargas, “coisificadas”, sendo que as máscaras denotariam, além da ausência da liberdade de expressarem-se, a negação da própria identidade, num simbolismo de plena alienação, contra a autoafirmação e controle da próprio consciência das atitudes, que Pink estaria realizando anteriormente perante os amigos. Também é emblemática a figura do professor trajando uma beca e ostentando uma vara na mão, intimidando o “mocinho” a ficar “à postos”. Percebe-se que os alunos eram tratados com a

² Salientamos aqui que, apesar de Roger Waters ser o próprio protagonista do personagem fictício e compositor da letra da música, obviamente que o filme é uma produção coletiva, principalmente levando-se em conta a atuação de adaptação para o cinema do diretor Alan Parker.

rigidez e severidade de um regime militar, intimidando-os a ficarem à postos como soldados num quartel. A expressão “mocinho”, denota uma questão relevante quanto ao tratamento dispensado às crianças e adolescentes, vistos ainda como “pequenos adultos” ou “adultos em potencial”, sendo deixado de lado, alguns dos sentidos importantes atribuídos à infância, na escola.

O uso da beca trajada por ele, representada bem o *status* daquele arquétipo de professor. Esta seria um símbolo de sua *magistral* superioridade que deveria ser copiada; como o portador do saber do *magistério*, como o professor que impõe os conteúdos e regras; revestido da autoridade da *magistratura*, como um juiz que avalia e julga o aluno. A vara, além de ser uma insígnia do juiz segundo o Direito Romano, completa sua posição de portador de plenos poderes, daquele que executaria as punições como um carrasco.

A cena transfere-se então para a escola, no momento em que os professores dirigem-se para a sala de aula. Enquanto isto, os versos relatam que “havia certos professores que feriam as crianças, vertendo o seu riso de escárnio em qualquer coisa que elas fizessem, expondo ... toda a fraqueza escondida pelas crianças”. Já em sala de aula, o professor então toma de Pink uma folha que contém um poema; debochando pelo fato de ele se considerar um poeta. Lê o texto em voz alta para a classe, dizendo ao final que aquilo tratava-se de um “lixo absoluto”. Desferindo uma seca reguada na mão do rapaz, manda-o seguir com seu trabalho, isto é, repetir o que o professor ditava.

Temos aí, novamente e na prática, o professor daquela escola tradicional. Ele, como um verdadeiro ditador, transmite o conteúdo pré-ajustado aos alunos que, passivamente, têm de repetir e internalizá-lo mecanicamente. Ao mesmo tempo, exerce o papel de polícia, caminhando e esquadrinhando a sala, em busca de algum ato ou objeto que transgredisse a regra achando no caso, o bilhete de Pink. Munido da autoridade que lhe é imbuída, toma a prova da transgressão sem pedir licença, desrespeitando a “propriedade privada” do garoto, princípio que, na escola, deixava de ter valor. Julga o ato falho de Pink, isto é, seu gesto de criatividade na composição de um poema, considerando-o um “lixo”. Por fim, sentencia a penalidade executando-a em forma de um castigo *físico* na reguada, e *psicológico*, procurando humilhá-lo publicamente e podando seu poder criativo, obrigando-o a aprender e construir seu conhecimento apenas com base no que lhe é ditado e através da repetição do conteúdo. A relação aluno-professor resume-se ao saber e poder, do professor sobre o aluno; a afetividade constrói-se numa relação de submissão e sentimento de hostilidade, do aluno ao professor.

Da sala de aula, a cena transfere-se para a sala de jantar na casa do professor. Os versos

musicados voltam, relatando que “naquela cidade sabia-se que quando eles (os professores) voltam para casa à noite, suas gordas e psicopáticas esposas vigiavam minuciosamente as suas vidas”. Na cena, estão à mesa o professor com sua esposa, obrigando-o como se fosse uma criança, a comer o resto de comida deixada no prato. Ele, submissamente obedece e, ao engolir aquele último pedaço de comida, mentaliza num *flashback*, a si surrando as nádegas de um aluno na escola.

Sugerimos que esta cena “transferiu-se” da sala de aula para a de jantar na casa do professor, pois percebemos aí um aspecto muito importante quanto à relação aluno – professor: a questão da transferência. Fica bastante claro que os autores subjugarão a prática do autoritarismo e do castigo físico do professor para com os alunos, como uma forma de ele convalescer-se da sua situação submissa perante a esposa. Um exemplo típico de transferência, onde o aluno se torna um objeto de investimento das angústias do professor. Contudo, é muito comum, delegar ao professor o papel de objeto de transferência do aluno. (SOUZA e MARTINS, p. 173 – 179). Como vimos, no filme ocorreu o contrário. Poderíamos até interpretar que a cena na casa do professor tenha sido fruto da imaginação do garoto, visto que ele próprio poderia sofrer aquilo em casa com sua mãe, o que seria até comum. Mas, como já dissemos, estamos interpretando apenas a visão do autor. Cabe então ressaltar aqui que a questão da transferência acaba tornando-se um complicado jogo nas relações afetivas entre alunos e professores, a qual ocorre sempre por ambas as partes.

Neste momento, passa-se ao clímax do *video-tape* com os versos mais conhecidos, que compõe a canção:

“We don’t need no education
We don’t need no thought control
No dark sarcasm in the classroom
Teachers leave them kids alone
Hey, teachers leave them kids alone
All in all it’s just another brick in the wall
All in all you’re just another brick in the wall”

(“Nós não precisamos de nenhuma educação
Nós não precisamos de controle mental
Nem sarcasmo negro na sala de aula

Professores, deixem as crianças em paz
Ei, professores, deixem as crianças em paz
Afinal, isto é apenas um tijolo no muro
Afinal, você é apenas um tijolo no muro”)³

A princípio, ela é cantada em uníssono, como se apenas Pink tivesse desenvolvido esta consciência a respeito da educação. Na cena aparecem os alunos na escola marchando enfileirados para uma esteira. Aparecendo sem máscaras e sem um uniforme específico, todos trajam roupas bastante conservadoras: com cores sóbrias, gravatas, e chapéus. O que denunciaria mais uma vez a ideia de tratarem-se as crianças, de “pequenos adultos”. Seguindo nesta esteira, eles penetram em um compartimento da qual saem sentados, cada qual em sua carteira e portando a mesma máscara da cena inicial do trem.

Passa-se a uma cena panorâmica, mostrando as salas de aula e corredores, nas quais os alunos continuam marchando enfileirados. Enquanto isto, o professor, de punhos cerrados vai controlando a sincronia.

A comparação da escola com uma fábrica é inegável. Afora a esteira e as engrenagens que tratam-se de elementos bastante simbólicos, os outros aspectos existentes na escola são inegavelmente compatíveis com os do sistema fabril. O espaço físico, planejado para um melhor esquadramento do ambiente como um todo onde se impere a ordem, disciplina e produtividade. A uniformização das crianças como produtos feitos em série. A utilização racional do tempo, bem caracterizada no relógio que aparece ao fundo da cena, que na escola é traduzida pelo toque dos sinais... Tudo sob a supervisão do professor, figurando o papel de um rígido capataz.

As máscaras passam a ser mais claras, deixando transparecer um aspecto fantasmagórico: furadas, queimadas, amassadas, enfim, deformadas. Na visão dos autores, eis um outro papel da escola: a *transformação* do aluno consistiria na sua própria *deformação*.

Até este momento, cantando em uníssono, podemos deduzir que ele, sozinho, ia desenvolvendo, com base num sentimento de pura hostilidade, uma consciência totalmente avessa àquele tipo de escola. A educação, baseada naquele método *pedagógico* não “seria necessária”, pois tinha apenas a função de “controlar as mentes” dos alunos, assumindo um papel de rígido controle *psicológico*, através da repressão e repetição dos conteúdos. Não se

³ Tradução livre para este artigo.

preocupava com aspectos psicológicos mais relevantes, relacionados com a própria concepção da infância e suas diferentes fases, a formação sociocultural, ou possíveis traumas individuais.

A seguir então, os alunos passam a cantar os versos em coro, e o professor começa a chantageá-los, ameaçando-os que não “irão comer pudim se não comerem a carne”, como se eles fossem crianças pequenas. Contudo, sua voz começa a rarefazer-se diante do coro dos alunos, que começam a tomar consciência própria a respeito de toda aquela situação. Os papéis invertem-se, sendo que o professor passa a tornar-se agente passivo das atitudes dos alunos.

A outra cena mostra então os alunos numa fase mais avançada da adolescência, trajando uniformes que denotariam que estão se formando. Novamente na esteira, eles passam para o que seria o estágio final da escola, caindo numa espécie de moedor da qual saem triturados, em forma de uma massa... massa para tijolos!

Eis a visão dos autores sobre a função da escola, equivalente à referência ao sistema fabril: produzir *tijolos* (“afinal, nós não passamos de tijolos no muro!”). Portanto, estes alunos que passaram por um processo de opressão e alienação, sendo destituídos de sua criatividade, liberdade de expressão e de suas identidades próprias, estariam prontos, ao serem trans(de)formados em *tijolos* para construir a sociedade. Justamente a sociedade ocidental, alicerçada nos pilares da democracia plena, que assegura a liberdade de expressão, a qual foi constituída por um pensamento criativo, na garantia dos direitos individuais de autoafirmação. Contradição extremamente infeliz, muito bem captada pelos autores. Como dissemos anteriormente, a ideia de o “muro” estar relacionado com o contexto da Guerra Fria, e num primeiro momento podendo ser entendido como uma crítica ao regime ditatorial do comunismo vigente na URSS; na realidade trata-se do contraponto entre a escola que existe dentro e com relação à própria sociedade capitalista ocidental. Contudo, esta análise não cabe desenvolvermos aqui, visto que esta é uma questão relacionada com o filme como um todo, e que não faz parte da proposta inicial que assumimos na elaboração deste texto.

O coro dos alunos, então se repete e, quem sabe, contagiados pela consciência individual de Pink, passam a se revoltar definitivamente contra a escola. Rasgam seus livros e peças dos trajes conservadores de suas roupas, reviram suas carteiras e iniciam um processo de total depredação da escola. Destroem paredes, arrancando os tijolos das paredes (os “muros”) que a cercam. No pátio fazem uma enorme fogueira, na qual irão atirar o professor. Constatação de uma coincidência infeliz e bastante atual: o professor tornando-se o culpado, o bode expiatório de todos os problemas do sistema educacional...

Por fim, reaparece Pink na sala de aula acudindo sua mão ainda dolorida devido a

reguada que levara do professor... Tudo não passara de um mero devaneio do garoto naquele instante, que deveria voltar a repetir o conteúdo ditado pelo professor.

Concluída esta exposição e análise da letra e cenas do filme, procuramos ressaltar o olhar bastante negativo, pessimista e hostilizante, dos autores perante aquela escola, o qual foi, propositalmente mais acentuado em nossa interpretação. Não seremos ingênuos nem prematuros ao ponto de cairmos no reducionismo completo de julgar o valor e concordar com tal crítica em si. Mas vale ressaltar alguns pontos interessantes a respeito dela.

Se a função daquela escola era a de alienar completamente os alunos, percebemos que ela não teria sido eficiente em seu intuito, ressaltando que o próprio personagem da ficção, Pink, na sua vida real, a de Roger Waters, foi uma prova disto. Ele “sobreviveu” e conseguiu construir com sucesso sua própria aprendizagem, expressada numa forma de conhecimento com um nível bastante elevado, ao nosso ver, como o da composição artística.

Dentro desta nossa exegese, é inevitável constatarmos que a aquisição do saber, passa sim, por um certo processo doloroso, sofrível, por assim dizer. Poderíamos citar aqui o processo de construção do *ego* na teoria freudiana, onde o *id* passaria, inevitavelmente pelas sanções impostas pelo *superego*. A criança e adolescentes seus desejos naturais (*id*), se transformaria em alunos (*ego*) sofrendo as privações “hostilizantes” impostas pela escola (*superego*). Acreditamos que é papel fundamental da escola, procurar métodos pedagógicos que sejam, senão agradáveis, que ao menos reduzam os aspectos “dolorosos” da aquisição do saber, no processo de ensino-aprendizagem.

Para tanto é inegável afirmar que muitos dos valores e métodos da escola tradicional destacados no filme, devem ser extirpados da escola que almejamos: o autoritarismo; o castigo físico e psicológico; a ausência da afetividade (num sentido “libidinal” e não “hostil”) na relação aluno-professor; a concepção e tratamento do aluno como um “pequeno adulto”; a assimilação repetitiva e sem criatividade; etc. Contudo, resguardando-se princípios que consideramos indispensáveis para o estabelecimento de uma determinada ordem e coerência no processo de ensino-aprendizagem. O professor, mesmo sendo um “mediador”, deve manter o seu papel de autoridade (não confundindo-a obviamente com autoritarismo). Os conteúdos devem ser ministrados por ele e serem necessariamente assimilados, mas de forma que se tornem atraentes e despertem a criatividade e espírito crítico dos alunos. Deve ser levada em conta as características específicas e se valorizar cada fase da infância, mas sem deixar de se considerar que, em última instância, a escola tem por função formar um cidadão que mais tarde enfrentará,

por exemplo, o mercado de trabalho, as dificuldades e angústias decorrentes da competitividade e exigências do mundo atual; a ideia de “adulto em potencial” deve ser encarada desta forma.

Neste contexto, torna-se emblemática aquela tendência negativa e hostil de Pink com relação à escola e ao professor. Estas atitudes de negação, hostilidade, destruição, ou “morte”, não podem ser tomadas ao pé da letra, como algo que vise o aniquilamento total da educação escolar, nem mesmo por parte dos próprios autores. Na realidade, esta atitude comum e necessária para o desenvolvimento da personalidade, segundo a psicanálise, deve surgir, e até parte, inconscientemente, de dentro da escola.

No processo de elaboração e adoção dos métodos construtivistas e sócio interacionistas, que são os eixos norteadores da escola na atualidade, necessariamente, este estágio de desenvolvimento começou com um desejo e atitude de negação e destruição do modelo educacional tradicional ou tecnicista. Na prática docente, muitas vezes somos levados à rever conceitos relacionados com o conteúdo ou métodos empregados, os quais temos, em parte ou completamente, que negar e reconstruir. O próprio professor, na sua relação com o aluno deve “assumir uma posição de renúncia do saber... permitindo que ele possa ‘matar’ o mestre para se tornar mestre de si próprio” (SOUZA E MARTINS, p. 174). Ao aluno deve ser permitido “quebrar os tijolos e derrubar o muro” que o professor muitas vezes, fazendo uso do seu saber ou de sua autoridade institucional, interpõe entre eles. E este processo pode se tornar um dos mais “dolorosos” para o professor que almeje sua plenitude na prática docente. Mas, parafraseando Djavan, ele não deve se esquecer que o próprio “amar é quase uma dor”!

Não podemos deixar de destacar ainda outra questão da importância desta música e do filme. Ela é, como já dissemos, a mais conhecida do grupo Pink Floyd, e uma das canções mais executadas no mundo inteiro, tratando-se de certa forma de um fenômeno na história da indústria cultural recente. Seria devido ao seu conteúdo crítico, ou simplesmente pelo contágio do público pelo arranjo dos acordes musicais? Devido ao fato de ser cantada em inglês, poderíamos dizer que o seu conteúdo não seria compreendido pelos ouvintes que não dominam a língua. Mas será que trechos como o “We don’t need *no education*”, ou o estribilho intimidador, “*Hey, teacher!* Leave then kids alone” (grifos nossos), não poderiam ser assimilados em parte, causando um efeito contagiante devido a alguma compatibilidade entre a letra com uma certa consciência (ou histeria!) coletiva dos jovens perante a educação e aos professores? Pode ser uma suposição bastante artificial, que careceria de uma análise muito profunda, mas achamos interessante ressaltar aqui.

E, coincidência ou não, será justamente no início da década de 80 (período da gravação

do filme), que perceberemos uma mudança mais substancial e abrangente nos paradigmas da educação escolar no mundo ocidental, visto que ela será refletida no Brasil no Brasil, em forma de lei, no início da década de 90. No caso do Brasil, o modelo a ser adotado tem sua base no modelo Construtivista, bem como uma grande influência do pensamento e ação de Paulo Freire sendo uma vertente alternativa como método de educação.

Não podemos dizer que os autores, com esta obra, tenham provocado estas mudanças (o que seria realmente uma exegese) no modelo tradicional da educação, nem mesmo mensurar a contribuição dela (se é que há) para isto. Porém, o verdadeiro mérito reside ao menos no fato de os autores, em sua genialidade, haverem tido a sensibilidade de perceberem as mudanças que estavam ocorrendo, e de as sintetizarem numa obra de arte tão completa, que merece muito a atenção dos estudiosos das ciências humanas no campo da epistemologia da área pedagógica e psicológica. Enfim, devendo servir como uma boa referência para a reflexão sobre as funções e papéis da escola e do professor na construção (eis novamente a ideia dos “tijolos” e o “muro”!) em nossa sociedade.

FONTES

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família..** 2ª ed. RJ: LTC, 1981.

Pink Floyd The Wall. Por Roger Waters; dirigido por Alan Parker. Metro-Goldwynmayer. Sony Music Entertainment Inc. 1982, 1999.(DVD)

Pink Floyd The Wall. Produzido por David Gilmour; Bob Ezrin; Roger Waters. CBS NBW York. Sony Music. LP 128170-71, 1979.

SOUZA, Marcia H. de; MARTINS, Aurora Mendes. **Psicologia do Desenvolvimento.** Curitiba: IESDE, 2003.